

A LÍNGUA DO «PAS COMPRIS»: O «DESENRASCANÇO» LINGUÍSTICO DOS PORTUGUESES NAS TRINCHEIRAS DA GRANDE GUERRA

Ivo Rafael Silva

CEI – Centro de Estudos Interculturais

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

ivo_rafael@sapo.pt

Resumo

Os militares portugueses enviados para as trincheiras da Grande Guerra, pedaços vivos do Portugal rural do princípio do século XX, eram na sua maioria homens analfabetos ou com escassa instrução. A actuação militar em território estrangeiro e inserida num contexto que obrigava à comunicação com tropas de outros países, propiciava o estabelecimento de pontes comunicativas que passavam invariavelmente pela transposição linguística. Todavia, a forma improvisada, inventiva e/ou criativa como os portugueses se expressavam ante soldados e civis franceses, ainda que errónea e por vezes confusa à luz da gramática oficial, não constituiu por si só um obstáculo ao entendimento e à compreensão.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial; Portugal; Corpo Expedicionário Português; História; Linguística; Interculturalidade; Tradução; Interpretação.

Abstract:

The Portuguese army soldiers sent to the World War I trenches, pieces of the rural Portugal of the beginning of the 20th century, were mostly illiterate or uneducated men. The military action in foreign territories, in a context that led to the communication with troops of other nationalities, provided the creation of communicative bridges which were made invariably through the linguistic transposition. However, the improvised, inventive and/or creative way the Portuguese expressed themselves to the military or civil French people, despite being erroneous

and sometimes grammatically confusing, did not reveal itself as an obstacle to the understanding and comprehension.

Keywords: First World War; Portugal; Portuguese Expeditionary Corps; History; Linguistics; Interculturality; Translation; Interpreting.

*Nos primeiros dias, um muito desconsolado [soldado] escrevia à família:
«Nesta terra em que só os cães falam como a gente...».*¹

André Brun

1. A guerra que «um anjo» provocou

A fragilidade de uma ordem internacional assente «no equilíbrio de poderes e na rede de alianças tecida por uma complexa e intrincada matriz de relações entre nações»², foi posta a nu quando a necessidade económica de alimentar os vários impérios atingiu o ponto mais crítico no dealbar da primeira década do século XX.

O continente europeu encontrava-se então dividido em grandes e poderosas nações imperiais. O império britânico era o coração da revolução industrial; o francês, detentor de um vasto império colonial e ultramarino; o alemão, uma potência reunificada na segunda metade de oitocentos, com território que ia desde a Alsácia-Lorena à Prússia; o russo, o extenso império dos czares; o austro-húngaro, monarquia dualista congregadora de várias etnias da europa central; e o império otomano, herdeiro da dinastia turca de Otman I, uma potência islâmica, ainda que já enfraquecida, de existência plurissecular.

A necessidade urgente de controlo de recursos e matérias-primas por parte dessas mesmas potências, bem como a possessão ou alteração da configuração dos territórios coloniais em África, acabariam por ser *grosso modo* a base de um confronto que era já tido como inevitável, e pior que isso, considerado de grande «utilidade» e «oportunidade» para as nações que nele se lançariam. Numa obra contemporânea dos acontecimentos (*O Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo*,

¹ BRUN, A. *A Malta das Trincheiras: Migalhas da Grande Guerra (1917-1918)*. Braga: Edições Vercial, 2010-2012, p.30

² AFONSO, A; GOMES, C. M. *Portugal e a Grande Guerra 1914-1918*. Lisboa: Diário de Notícias, 2003, p. 5

1917), Vladimir I. Uliánov (Lénin) levantava retoricamente a interrogação: «(...) no terreno do capitalismo, que outro meio poderia haver, a não ser a guerra, para eliminar a desproporção existente entre o desenvolvimento das forças produtivas e a acumulação de capital, por um lado, e, por outro lado, a partilha das colónias e das esferas de influência do capital financeiro?»³

A disputa entre impérios teria como ponto de fricção o que ficaria conhecido como «barril de pólvora da Europa», a materialização da disputa étnica e nacionalista de vários povos eslavos, que vinha em crescente de tensão desde que a Áustria-Hungria anexara a Bósnia ao seu território. A situação serviu para aumentar o foco de conflitualidade do império austro-húngaro com o reino da Sérvia e o império russo. Internamente, grupos de radicais conspiravam contra a anexação e formação do bloco com sede em Viena e Budapeste, sobretudo aqueles que sonhavam com a criação da «Grande Sérvia», um estado eslavo do sul, congregando bósnios, eslovenos e croatas.

Ante as tensões, só faltava que algo ou alguém acendesse o rastilho definitivo. A História reservaria esse nefasto papel a um jovem estudante bósnio, de apenas 20 anos de idade, nascido na localidade de Obljaj, perto da fronteira com a Croácia. Segundo o escritor e historiador Tim Butcher⁴, era desejo da mãe que o filho se chamasse *Spiro*. Contudo, em discordância, o pároco local aconselhara que se lhe desse antes um nome bíblico, mesmo angelical, e *Gavrilo*, equivalente a *Gabriel*, como o arcanjo, haveria de ser o nome daquele que, ironicamente, desencadearia o primeiro grande apocalipse bélico no firmamento da História da humanidade. No dia 28 de Junho de 1914, na cidade de Sarajevo, Gavrilo Princip era apenas um de seis conspiradores pertencentes a uma organização nacionalista radical intitulada «Mão Negra». O gatilho que puxou a pouca distância do peito do arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do trono austro-húngaro, haveria de provocar o maior conflito armado que até então o mundo tinha conhecido.

2. Com os bretões «marchar, marchar!»

A letra d'A Portuguesa criada na sequência do humilhante *Ultimatum* inglês (1890) clamava por uma revolta «contra os bretões». Porém, aquando da adopção do tema de Alfredo Keil para Hino da República, o substantivo «bretões» dá lugar a

³ *Op. Cit.* cap. VII

⁴ Sítio *CNN International* [url: <http://edition.cnn.com/2014/06/27/opinion/7-things-gavrilo-princip-man-who-started-wwi/>], último acesso: 13 de Novembro de 2014

«canhões», assim se mantendo até aos nossos dias. Os sentimentos e a oportunidade do restabelecimento da «velha aliança» de Portugal com a Inglaterra vieram sobrepor-se à quezília inútil do tempo da recém-defunta monarquia, considerando-se que o futuro de uma jovem nação republicana, que buscava afirmação e prestígio internacional, far-se-ia lado-a-lado, precisamente, com o Reino Unido, lado-a-lado com os «bretões».

No desenho dos conflitos que se travavam no continente africano, Portugal tinha necessariamente que defender os seus interesses. Angola e Moçambique eram alvo da cobiça do império alemão. Logo a partir de 1914, mantendo contudo uma neutralidade formal relativamente ao conflito que alastrava na Europa, Portugal envia para África expedições militares para defesa das suas possessões ultramarinas. De 49.131 mobilizados, 30.701 rumaram a Moçambique e 18.430 a Angola. A defesa das colónias causou mais mortos que a posterior intervenção na Flandres (5.621), mais por enfermidades (paludismo, sezonismo, malária, etc.) do que propriamente em resultado de combates.⁵

Do ponto de vista meramente político e partidário, a guerra acabava por se configurar como um desígnio nacional de grande conveniência a nível interno. O dominador Partido Republicano, agora profundamente dividido em facções, via na ainda hipotética entrada formal de Portugal na guerra a oportunidade de unir de forma «sagrada» as hostes republicanas em torno do presidente e do seu governo.

Em 1916, a Inglaterra acaba por obrigar Portugal a entrar oficialmente no conflito. Por solicitação do governo de Sua Majestade, o governo requisita todos os navios de bandeira alemã aportados no Tejo. Em esperada consequência, a Alemanha declara guerra a Portugal.

Segue-se o recrutamento de mancebos a nível nacional, a organização militar e treino das tropas, formando-se então o C. E. P. - Corpo Expedicionário Português, composto por cerca de 55 mil homens, que tem como missão ocupar um sector de 11km de extensão na frente ocidental (região francesa de Nord-Pas-de-Calais), inserido no Batalhão Britânico.

3. O «Folgadinho»

O Portugal que em 1916 entra pela via formal na Primeira Guerra Mundial é

⁵ AFONSO, A; GOMES, C. M. *Portugal e a Grande Guerra 1914-1918*. Lisboa: Diário de Notícias, 2003.

um país de predominância rural. Cerca de 72% da população dedica-se à agricultura, actividade privilegiada para o sustento económico das famílias. As classes populares, a fonte de onde brotam os homens que constituem o impreparado e mal equipado exército expedicionário que ruma às trincheiras da Flandres, vive entre a pobreza e a miséria, quando não exclusivamente da caridade alheia. Os assalariados, sem vínculos contratuais nem protecção na doença ou na velhice, trabalham entre 12 a 16 horas por dia e recebem ordenados baixíssimos. Os que laboram nos campos fazem-no segundo os ciclos agrícolas e pelo tempo em que a luz do sol os ilumine. A situação de pobreza generalizada, associada a surtos pestíferos que afectavam pessoas e plantações (filoxera, p. ex.), conduziu ao aumento exponencial da emigração durante as últimas décadas de novecentos e primeiras décadas do século XX.⁶

Quanto ao nível cultural do povo, o analfabetismo predominava. Em 1900, a taxa dos que não sabiam ler nem escrever situava-se nos 78,6%⁷. Onze anos volvidos, já no Portugal republicano, em terra de «presidente» o analfabetismo continuava «rei», atingindo a cifra de 70%⁸.

O soldado português médio, chamemos-lhe assim, recrutado à força ou alistado de forma voluntária no exército, enquanto produto desta realidade social, não poderia distinguir-se dos demais. Com idade compreendida entre os 20 e os 25 anos, em geral analfabeto, arrancado à ruralidade mais profunda, por vezes adoentado ainda que considerado «apto para serviço militar», apresentava baixa estatura e ausência de conhecimento no manuseio de quaisquer ferramentas que não as estritamente necessárias ao cultivo da terra. A esta figura de soldado médio, à personagem que simbolizaria literariamente o combatente português nas trincheiras da Grande Guerra, André Brun deu o nome de «José Maria Folgadinho», o «lãzudo», que no caso era da comarca de Arganil, «mas que podia ser de Freixo de Espada à Cinta ou de Vila Real de Santo António»⁹.

4. «Isto aqui é que é a França, meu sargento?»

Em 1917, os expedicionários portugueses começaram a desembarcar no porto

⁶ SERRÃO, J., OLIVEIRA MARQUES, A. H. de (dir.). *Nova História de Portugal Vol. X: Portugal e a Regeneração*. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

⁷ *Idem*, p. 182

⁸ CANDEIAS, A. "A Situação Educativa Portuguesa: Raízes do Passado e Dúvidas do Presente" in *Análise Psicológica*, ISPA, 1993.

⁹ BRUN, A. *A Malta das Trincheiras: Migalhas da Grande Guerra (1917-1918)*. Braga: Edições Vercial, 2010-2012, p.11

de Brest, França, após três dias de viagem. André Brun narra o expressivo diálogo da chegada: «Isto aqui é que é a França, meu sargento? – perguntou [o folgadinho] ao seu ‘primeiro’. – É – respondeu este, muito aborrecido.»¹⁰ Não era caso para menos. Segundo Brun, «a França estava feia. Fazia cada vez mais frio. Sobre a cidade caía neve e o Folgadinho não tinha trazido guarda-chuva.»¹¹ Esperava-o ainda nova e cansativa viagem de comboio até Aire-sur-La-Lys, onde seria instruído, vacinado e, por fim, enviado para o inferno lamacento das trincheiras.

O sector reservado ao Corpo Expedicionário Português localizava-se geograficamente na região de Nord-Pas-de-Calais, a norte do território francês, já muito perto da fronteira com a Bélgica. Aí o clima é por norma húmido e frio durante quase todo o ano, mas sobretudo muito chuvoso e gelado no inverno, com temperaturas que chegam a atingir os 30 graus negativos.

Nas trincheiras, onde muitos soldados portugueses – sobretudo os do sul do país – puderam ver neve pela primeira vez, vivia-se com os pés em permanente contacto com a água e submetidos às baixas temperaturas, na ausência das mais básicas condições sanitárias, um cenário que favorecia a propagação de doenças e o desenvolvimento de infecções graves. Muitas das vezes, não era sequer necessário que qualquer bala inimiga se alojasse fatalmente no corpo de um militar para o retirar de combate. A situação de um corpo debilitado por uma alimentação longe de ser a ideal, exposto de forma continuada às condições duríssimas de um buraco inseguro, pantanoso, insalubre e inóspito – onde os homens viviam lado-a-lado com ratos, ratazanas, piolhos e larvas –, fazia com que muitos dos combatentes fossem parar às ambulâncias ou aos hospitais sem terem sido propriamente vítimas de fogo inimigo.

À medida que os soldados foram sendo mergulhados de forma prolongada num cenário mortífero e desolador, para o qual de resto não haviam sido devidamente preparados nem equipados, foram surgindo, de forma natural, sinais de cansaço e desmoralização. Registam-se insubordinações, motins e actos de indisciplina, ao mesmo tempo que a guerra do «front» vai causando baixas (mortos, feridos, gaseados, amputados e desaparecidos) com a penosa frequência de bombardeamentos, raides e patrulhas inimigas. A rendição ou substituição das unidades da frente ocorria em pequena escala e, nalguns casos, só ao fim de vários meses.

¹⁰ *Idem, ibid.*

¹¹ *Idem, ibid.*

Na primavera de 1918, a situação atinge o auge do desespero e do cansaço. Mas é precisamente nessa altura, e no dia exacto em que se faria a rendição da 2ª Divisão do C. E. P., que os alemães decidem desencadear a grande ofensiva militar conhecida entre nós como «Batalha de La Lys». O desastre foi total. A frente portuguesa é arrasada em poucas horas, e de um total de 6983 baixas registadas no Corpo Expedicionário Português, 398 dizem respeito a mortes e 6585 a prisioneiros.¹²

Depois de La Lys, o que resta do C. E. P. é adstrito a unidades inglesas. No dia 11 de Novembro de 1918, a assinatura do armistício põe fim à grande e devastadora guerra mundial, que há já quatro anos vinha dilacerando sobretudo o coração do continente europeu.

De tudo quanto significou a participação portuguesa no conflito, muito mais que questões de natureza essencialmente militar, social ou política, interessa-nos aqui relevar a questão da interculturalidade inerente à convivência dos portugueses com os militares e civis estrangeiros, principalmente franceses, ingleses e alemães. Nomeadamente, interessa-nos tentar perceber, com recurso a exemplos recolhidos na literatura memorialista da Grande Guerra, de que forma um conjunto de homens maioritariamente de baixa instrução, vindos da ruralidade profunda, muitos deles analfabetos, foram capazes (ou incapazes) de comunicar com os seus camaradas de armas – ou mesmo inimigos, no caso dos alemães – que se expressavam em diferentes idiomas.

5. A língua do «Pas Compris»

Pouco depois de chegarem a território gaulês, os expedicionários lusos foram instalados em diversas localidades das redondezas de Aire-sur-La-Lys, para instrução preparatória e vacinação. Antes do seu «baptismo de fogo» puderam ter aí o seu «baptismo linguístico», aprendendo de forma mais ou menos desenvolvida, ou passe a informalidade, mais ou menos «desenrascada», os primeiros termos ou expressões do francês e do inglês.

O francês aprendiam com os locais, bastando por vezes uma simples ida a um dos estabelecimentos públicos comerciais para que, ao adquirirem pequenos utensílios ou produtos de primeira necessidade, acrescentarem uma ou outra nova palavra do francês à sua não muito extensa «base de dados» terminológica. Havia ainda os

¹² HENRIQUES, M. C.; LEITÃO, A. R. *La Lys – 1918*. Col. «Batalhas de Portugal». Lisboa: Prefácio, 2001.

botequins, os quiosques ou *estaminets*, onde a confraternização com os militares britânicos lhes ensinava algumas palavras também do inglês.

Contrariamente ao que acontecera com o exército britânico, os soldados portugueses não haviam sido brindados pelo seu governo com quaisquer dicionários a que pudessem recorrer em caso de necessidade comunicativa por terras estrangeiras. André Brun, contudo, lembra que a maior parte dos que vinham de Lisboa não sabia sequer ler ou escrever, pelo que entregar-lhes um dicionário seria o mesmo que «entregar uma viola francesa a um hipopótamo.»¹³

Mesmo assim, alguns dos que eram letrados levaram de Portugal e por sua exclusiva iniciativa, pequenos livros ou manuais de conversação de português-francês, como fica claro por exemplo nesta passagem de «As Minhas Recordações da Grande Guerra», da autoria de Pedro de Freitas:

‘Havia os que tinham adquirido previamente um pequeno livro português-francês ou o francês sem mestre. Então era vê-los, sempre que falavam com qualquer francês, de livro na mão, em procura das desejadas frases (...)’¹⁴

Razões de ordem estritamente militar, razões de necessidade natural no quotidiano de guerra, ou até mesmo razões ou incentivos de ordem passional ou afectiva, propiciavam frequentes vezes o contacto e a comunicação directa dos portugueses quer com tropas de várias nacionalidades, quer com civis da população local. Pedro de Freitas dá particular ênfase às razões de ordem passional:

‘Uns, com vontade de aprender, dedicavam-se aos conhecimentos da língua francesa; [...] todos, absolutamente todos, no fundo, [...], se preocupavam com aquilo que muita falta lhes fazia – a corte às belas francesas, como amores de guerra. Neste campo, para o bom êxito da conquista amorosa [...] – aprender o francês.’¹⁵

O francês aprendido era-o de forma célere, superficial, sem especial preocupação de ordem sintáctica ou gramatical. O importante era a compreensão mais ou menos imediata, despachada ou «desenrascada» das mensagens que em cada

¹³ BRUN, A. *A Malta das Trincheiras: Migalhas da Grande Guerra (1917-1918)*. Braga: Edições Vercial, 2010-2012, p. 30

¹⁴ FREITAS, P. *As Minhas Recordações da Grande Guerra*. Lisboa: Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1935, p.265

¹⁵ *Idem*, p.265

situação o português pretendia fazer passar ou compreender. Dessa forma, nasceu algo que Pedro de Freitas apelida de «francês de guerra», ou algo que pode assemelhar-se àquilo que mais tarde o teórico linguista Alan Duff classificara de *third language*¹⁶, ou seja, à formação pelo processo tradutivo de uma *terceira língua*, que não se trata em rigor nem do idioma de partida, nem do de chegada, mas sim uma mistura dos dois:

‘O tempo, [...], algum decorrido, já todo ele compreende o francês, mas um francês de guerra, feito na maior parte dos casos a seu modo, entremeadado de obscenidades no à-vontade em que andava em falar a seu belo prazer. Os franceses também mesclando a sua linguagem, certas frases proferiam sem que fossem franceses ou portugueses – simplesmente uma miscelânea’.¹⁷

A maior frequência com que nesses diálogos (ou tentativas de) se usavam determinados termos ou expressões idiomáticas, acabaria por estar na base da criação de apelidos com que os portugueses baptizariam os próprios estrangeiros ou o seu idioma. Assim, entre a «malta das trincheiras», passaram os ingleses a ser conhecidos como «camones», de *come on*, e o idioma francês como língua do *pas compris*, expressão que, compreensivelmente, mais vezes era utilizada.

Além do livro «A Malta das Trincheiras» do Major André Brun, fonte incontornável para o tema de que aqui se trata, existe ainda uma muito curiosa obra memorialista e literária sobre a participação portuguesa na Grande Guerra, que compila as mais rocambolescas e humorísticas situações nas quais os militares lusos se viram envolvidos. Face à temática que aqui mais nos interessa, reportar-nos-emos somente àquelas que ilustram a parte linguística, ou seja, às que traduzem a forma como, com maior ou menor dificuldade, os portugueses conseguiram estabelecer pontes comunicacionais com os falantes de outras nacionalidades. A referida obra tem o esclarecedor título «O Bom Humor no C. E. P. – França 1917-1918» e é da autoria do Major Mário Afonso de Carvalho.

6. O «desenrascanço» linguístico dos portugueses nas trincheiras

Uma das formas dos soldados ocuparem tempo livre ou de atenuarem, tanto quanto possível, as saudades da família era escrevendo – ou alguém por eles – cartas à

¹⁶ DUFF, Alan. *The Third Language*. Oxford: Pergamon Press Ltd., 1981

¹⁷ FREITAS, P. *As Minhas Recordações da Grande Guerra*. Lisboa: Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1935, p.265

sua amada, a seus pais ou irmãos. A certa altura, conta-nos Mário A. Carvalho na obra já citada, um dos soldados resolve fazer uma aposta com um dos seus camaradas em como conseguiria escrever uma missiva inteiramente em francês. Começou por pedir ao seu Alferes que o ajudasse a traduzir desde logo o seu nome, que era José Papagaio, pedido que o alferes de pronto satisfez. A carta saiu da seguinte forma:

France, 2-2-1918

Ma chére frère

Te participe que muá parle tré bian le franciú.

Ha bocú de madamuaseles joli.

Mangé tujut cornobife è une cigarette á jur.

Camones tré simpatiques, muá acheté á un anglé un par de palhetes até ó genú aveque cordons é muá doné á lui une garrafe de picles.

Muá émé agore un madamuasele é apré la guerre fini partir Portugal aveque muá fiancé. Les mules du Parque bone santé.

Bocú de sovenires de ta frere

José Papagaio

En franciú Josefe Pero-quê¹⁸

Este excerto exemplifica bem o processo de «tradução» utilizado, se assim lhe pudermos chamar, que era simplesmente a colagem e a adaptação fonética, como já se sublinhou, sem qualquer tipo de preocupação gramatical. A regra era simples: os portugueses falavam e escreviam de acordo com o que ouviam e decoravam.

Repare-se neste muito elucidativo «Fado das Trincheiras»¹⁹ criado pelo combatente José Gomes, 2º Sargento do Batalhão de Infantaria 18, todo ele dedicado à temática da língua e do significado das palavras:

Mote

Desde que vim para França

Tanho andado atrapalhado

Não consigo compreender

Porque tudo está mudado

¹⁸ CARVALHO, M. A. C. *O bom humor no C.E.P: França 1917-1918*. 2.ª ed. Correcta e aumentada. Lisboa: [Edição do autor], 1945, p.77

¹⁹ Cópia do manuscrito gentilmente cedida por Rolando Correia Santos, bisneto de José Gomes.

1º

*Faz favôr é silvo plé
Ao garfo chamam forchete
Ao fósforo alumete
Bela saúde é bône santê
Falar dizem que é parlé
Não percebo uma tal dansa
Pois um adulto ou criança
Me diz que riam é nada
Ó que grande trapalhada
Desde que vim para França*

2º

*Um noivo é um fiancé
Ao chorar chama ploré
Voz tendes é vus avé
A verdade é verité
Malhôré é um desgraçado
E charme é encantado
Eu não sei é je não sá pá
Com tal latim, claro está
Tanho andado atrapalhado*

3º

*Je suis, sou ou estou
Um caminho é chemã
Pom-me quer dizer maçã
E uma faca é um coutou
Um chapéu é um chapou
Dire segnefica dizer
Voar vejo que é vê
Cêr joli é bunito
Um falar tão esquezito
Não consigo compreender*

4º

Á água chamam dioulou

*Conquistador, conquéram
Não faz mal, se ne ferriam
O belo dizem que é bou
Ao novo chamam nouvou
Quitê é o ter deixado
Arrivê é o têr chegado
Boár, dizem que é beber
Eu não consigo saber
Porque tudo está mudado*

No mesmo sentido, e pela mão do mesmo autor/combatente, a «Canção para Fado»²⁰, repetindo um ou outro verso da letra anterior reza da seguinte forma:

1º

*Não compreendo é não compri
Eu não sei, je não sê pá
Ao muito chamam boucu
Até à vista, arrevoá*

2º

*Chamam à faca coutou
Ao garfo chamam fôrchéte
Chamam ao fósforo alumete
Ao porco chamam couxon
Chamam ao peixe pôaçon
Se está aqui réste lá si
Ao sim dizem ui
Chamam ao coelho lapã
Ao pão chamam dio pã
Não compreendo, não compris*

3º

*Chamam à serveija biérre
À cabeça chama tête*

²⁰ Cópias de manuscritos gentilmente cedidas por Rolando Correia Santos, bisneto de José Gomes.

*Chamam ao prato aciéte
A um copo chama vérre
Ao regedor chamam mére
Ao pae chamam papá
A pernúncia é patuá
A cebôla é unhun
Um homem é moncieur
Eu não sei, je não sêpá*

4º

*Chamam ao doente malade
Ao vir chamam revenir
Uma lembrança é souvenir
Paciar é promenade
O ser bom é três amable
Um homem mau chamam fú
Dizer você disem vu
O namoro é fiancê
Um quiosque é estaminé
Ao muito chamam vócu*

5º

*Ao dormir chamam cuxê
À cadeira chamam chicê
A vanha de pôrco é grecê
Chamam ao pé o pié
Para entrar dizem entré
Um gancho é nulupá
Chamam ao prêto nuár
Uma vela chamam vugi
Obrigado dizem merçi
Até à vista arrevoá.*

Por oposição às praças *de pré*, certos oficiais e militares de elevada patente possuíam nalguns casos um melhor domínio linguístico, tendo aprendido algumas

noções de francês nas escolas, ou mesmo durante a fase preparatória da mobilização para a guerra. Nestes casos, os erros eram ligeiramente distintos:

Um capitão do Quadro Auxiliar d'artilharia, acantonado n'uma localidade da rectaguarda é um dia interrogado pela dona da casa:

- *Mr. vous êtes d'artillerie?*

- *Non, M.me Je suis du tableau auxiliaire.*²¹

Como se vê, a confusão prende-se apenas com a transposição literal de *Quadro* como *tableau*, e não como *cadre*, denotando contudo um melhor domínio da língua.

As expressões compostas, quando não integralmente proferidas e portanto incompletas, também provocavam natural confusão:

O impedido d'um oficial gerente da «mess» é encarregado por este de ir comprar salsa, tendo-lhe previamente explicado que salsa se dizia em francez «fines herbes». O magala entra n'uma «ferme» e pede à quinteira:

- *M.me, compris? Herbes...*

Esta vae ao pasto e arranca um molho de hervas, que apresenta ao soldado ao mesmo tempo que lhe pergunta:

- *Mais vous avez des lapins, Mr.?*

O magala muito escamado, atira com o molho das hervas ao chão, dizendo:

- *O pão é pouco, mas pastar vá você!*

*E virou-lhe as costas sacudido.*²²

Uma das práticas mais comuns na tentativa de falar o francês quando não conseguiam encontrar o equivalente exacto de determinada palavra, passava por fazer uma colagem do original em português *afrancesando-o*. Vejamos um desses exemplos:

Um chefe de ambulância, recebeu certo dia a visita d'um inspector de saúde do Exercito inglez. Como era da praxe apresentou ao visitante os officiaes que faziam serviço na ambulância, dizendo:

²¹ CARVALHO, M. A. C. *O bom humor no C.E.P: França 1917-1918*. 2.^a ed. Correcta e aumentada. Lisboa: [Edição do autor], 1945, p.79

²² *Idem*, p.77

- *Voici les officiers, il manque un medecin qui este n vacances.*

Iniciou-se depois a visita ao Parque das viaturas onde lhe mostrou os diferentes carros e no final apontando para o local onde se encontravam duas cozinhas rodadas [ambulantes], disse:

- *La, les cosines rodées.*²³

No mesmo sentido, uma outra situação:

Um oficial comandante d'uma Formação, precisando d'um sapateiro para concertar os alcatruzes dos seus soldados, manda chamar um francez da localidade, que supunha competente e ao qual se dirige nos seguintes termos:

- *Monsiú, le sapatier...*

- *Je suis cordonnier Mr., - responde o francez, admirado.*

- *Non, vous êtes sapatier, parce que vous faites des sapatas et le cordonnier fait des cordes!* – responde o oficial portuguez, muito convencido de que estava dando uma boa lição ao francez.²⁴

Por outro lado, se havia palavras portuguesas que eram *afrancesadas*, o inverso – o *aportuguesamento* - também acabou por se verificar:

*(...) aquele chien que faz mover a roda da manteigueira passou a ser um chião, a cama, o couchi, etc.*²⁵

A confusão de termos por semelhança fonética também não deixou de provocar situações dignas de embaraço, mesmo que os intervenientes disso mesmo não se tenham apercebido:

Um Tenente d'artilharia estava aboletado em casa d'uma família da qual fazia parte uma M.^{elle} que rendia suas amizades ao garboso oficial. Este falava pessimamente o francez a ponto de confundir dernier (último) com derrière (que significa atrás e em calão: o «traseiro»).

²³ CARVALHO, M. A. C. *O bom humor no C.E.P: França 1917-1918*. 2.ª ed. Correcta e aumentada. Lisboa: [Edição do autor], 1945, p.80

²⁴ *Idem, ibid.*

²⁵ BRUN, A. *A Malta das Trincheiras: Migalhas da Grande Guerra (1917-1918)*. Braga: Edições Vercial, 2010-2012, p.31

Certo dia ao receber a sua unidade ordem de partida o moço Tenente, fez as suas despedidas a M.^{elle} Suzette a que assistiram outros camaradas seus e ao dar-lhe respeitosamente um beijo enternecido, porventura o último, teve esta frase estupenda:

- Suzette! i maintenant le... derrière!

*E perante a gargalhada geral de todos os assistentes de que até compartilharam os próprios paes da moça, o nosso Tenente ficou sem noção imediata da grande gaffe que tinha cometido!*²⁶

E, em seguida, um outro exemplo de confusão por semelhança fonética, desta feita não do termo em francês, mas sim dos equivalentes em português.

Um Tenente da Administração Militar ao falar com os habitantes, não dava conta da confusão, que estabelecia entre as palavras avec (com) e comme (como). Ao conversar um dia com uma dama de Cléty, pretendeu desculpar-se do seu péssimo francez e fê-lo nos seguintes termos:

*- Madame, iscusé-muá, je parle francé avec (sic) une vache espagnole.*²⁷

Outro exemplo de como funcionava o «francês de guerra», nas situações em que a tropa mandava «desenrascar»:

Um soldado impedido n'uma mess de officiaes, é encarregado pelo gerente de ir a um estaminet comprar uma garrafa de capilé, mas este traz-lhe uma garrafa de grenadine, cujo preço por exagerado enfurece o gerente da mess.

- Não há mal, - diz o soldado - a mulher aceita-a outra vez!

- Tens a certeza disso?

- Ora essa! Eu cá disse-lhe logo: Se mon officier dizê grenadine non bonne, moi venir á vous tout de suite et vous donner à moi mony toute de suite.

- E ela o que disse?

*- Disse: Compris.*²⁸

Importa ainda dar nota de um dos erros de oralidade mais frequentes entre as tropas portuguesas relativamente ao francês: a inversão do género das palavras.

²⁶ BRUN, A. *A Malta das Trincheiras: Migalhas da Grande Guerra (1917-1918)*. Braga: Edições Vercial, 2010-2012, p.81

²⁷ CARVALHO, M. A. C. *O bom humor no C.E.P: França 1917-1918*. 2.^a ed. Correcta e aumentada. Lisboa: [Edição do autor], 1945, p.81

²⁸ *Idem*, p.83

*(...) diziam um bière, um maison, um mademoiselle, uma frère, etc.*²⁹

Apesar da relativa eficácia comunicacional que, mesmo assim, estas estratégias aparentavam ter, pode no entanto colocar-se a seguinte interrogação: o que é que acontecia quando os soldados não conseguiam de todo fazer-se entender? A resposta é dada através do seguinte episódio:

O cozinheiro d'uma mess precisando d'uma panela para sopa, vae a um estabelecimento próximo e diz para a vendedora:

- Bonjour M.me Compris panéle officier manger?

Ela: - Non compris panéle.

O soldado mira a loja toda e não vendo o objecto desejado, descreve no ar com um gesto do braço a forma do recipiente.

- Ah! Compris, diz a M.me e vae buscar um vaso de noite.

- Panéle manger, berra o soldado.

Ela então sorrindo vae buscar a uma prateleira e apresenta-lhe uma lata de conserva.

O soldado faz então o gesto de abanar ao lume, de provar a sopa com uma colher e até imita o som d'uma panela a ferver, mas nem assim se faz comprehender.

Tem em seguida uma ideia que lhe pareceu luminosa. Dirige-se à montra e pega n'um rolo de papel higiénico, que está ao lado d'uns lindos suspensórios.

- Ah! Diz a Madame: Une marmite!

- Yess, compris marmite!

*- Bonne, conclue o soldado contentíssimo.*³⁰

Outro exemplo:

Um impedido de oficial é mandado por este comprar dois ovos para o almoço. O magala entra n'uma lojeca e diz para a vendedora:

- M.^{elle}! Compris? 2 ovos.

- Pas compris, lhe responde ela.

O nosso magala não se engasga e ao mesmo tempo que lhe aponta 2 dedos da mão direita, agacha-se, pondo-se de cócoras e canta: có-có-ró-có...

²⁹ *Idem*, p.96

³⁰ CARVALHO, M. A. C. *O bom humor no C.E.P: França 1917-1918*. 2.^a ed. Correcta e aumentada. Lisboa: [Edição do autor], 1945, p.84

*A Mademoiselle vae logo buscar-lhe 2 ovos, que ele paga muito contente por se ter feito comprehender.*³¹

Mas não eram apenas os portugueses que faziam esforços no sentido de se fazerem entender numa outra língua. Certo dia, os militares britânicos afixaram em Saint-Venant – onde se encontrava sedado o Quartel General do CEP – o seguinte «Avisa»:

*É prohibido o uso latrines inglesas aos portuguezas teem os proprios latrines ao entrada do Parque algumas encontrados uzando otros latrines será castigados severamente.*³²

7. Conclusão

A necessidade de comunicar numa terra que não era a sua, no seio de um povo que não era o seu e num contexto que não lhes deixava qualquer alternativa, levou os portugueses a criarem formas próprias de expressão através de uma espécie de *third language* que não era nem o seu idioma, nem o dos estrangeiros que os rodeavam. Aquilo a que Pedro de Freitas apelidara de «francês de guerra», consistia sobretudo no *afrancesamento* de termos portugueses, por vezes ainda no *aportuguesamento* de termos franceses, na colagem literal de termos e respectivos significados, pela inversão comum dos géneros das palavras e, durante estes e outros processos rudimentares de transposição linguística, pela obediência às estruturas gramaticais da língua portuguesa, mesmo que nunca tivessem lido ou escrito sequer uma linha no seu idioma. A palavra dita obedecia à audição e à memória, o significado era decorado e aplicado.

A verdade é que a julgar pelo que nos contam os testemunhos atrás citados, regra geral, os soldados portugueses, mesmo analfabetos, conseguiam fazer-se entender numa outra língua que não a sua. A sua capacidade de memória, improvisa e o estímulo verbal imposto pela necessidade de comunicar em tempos de guerra, sobrepôs-se às dificuldades imagináveis para um conjunto de homens que não tinham qualquer tipo de instrução. São de resto frequentes nas obras memorialistas dos portugueses participantes na Grande Guerra as menções elogiosas dos nativos

³¹ *Idem*, p.83

³² *Idem*, p.79

franceses aos soldados portugueses, com quem conseguiram relacionar-se e com quem se conseguiram sempre entender.

Como escrevera André Brun, imaginando o que terão pensado os «desorganizadores da nossa participação» na Primeira Guerra a propósito da preparação linguística do «folgadinho», não havia motivos para grandes preocupações dessa natureza: afinal de contas, «isto é rapaziada que noutro tempo foi à Guiné, às Angolas, à Índia, e sempre se soube entender.»³³

Bibliografia

AFONSO, A; GOMES, C. M. *Portugal e a Grande Guerra 1914-1918*. Lisboa: Diário de Notícias, 2003

BRUN, A. *A Malta das Trincheiras: Migalhas da Grande Guerra (1917-1918)*. Braga: Edições Vercial, 2010-2012.

CANDEIAS, A. “A Situação Educativa Portuguesa: Raízes do Passado e Dúvidas do Presente” in *Análise Psicológica*, ISPA, 1993.

CARVALHO, M. A. C. *O bom humor no C.E.P: França 1917-1918*. 2.^a ed. Correcta e aumentada. Lisboa: [Edição do autor], 1945

DUFF, Alan. *The Third Language*. Oxford: Pergamon Press Ltd., 1981.

FREITAS, P. *As Minhas Recordações da Grande Guerra*. Lisboa: Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1935.

HENRIQUES, M. C.; LEITÃO, A. R. *La Lys – 1918*. Col. «Batalhas de Portugal». Lisboa: Prefácio, 2001.

MARQUES, I. P. *Das Trincheiras com Saudade: A vida quotidiana dos militares portugueses na Primeira Guerra Mundial*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2008.

SERRÃO, J., OLIVEIRA MARQUES, A. H. de (dir.). *Nova História de Portugal Vol. X: Portugal e a Regeneração*. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

³³ BRUN, A. *A Malta das Trincheiras: Migalhas da Grande Guerra (1917-1918)*. Braga: Edições Vercial, 2010-2012, p.30